

# O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Redacção e administração

Toda a correspondência dirigida a Anselmo de Souza.

Sexta-feira 15 de outubro de 1897

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes . . . . .	300 réis
Provincias, 6 mezes . . . . .	600 »
Numero avulso . . . . .	60 »
Anuncios preço convencional	

SUMMARIO

Carta por PALERMO DE FARIA. — Concurso official de tiro civil. — Carreira de tiro. — Dr. Jayme Ribeiro, presidente da direcção do club dos caçadores do Porto, por B. DE SÁ. — A caça e as armadilhas. — Um caçador de pegas, por NEMROD. — A lavoura, por M. DO C. — O gáio, por M. DO C. — Legislação. — Voltando ao lar, por ERNESTO VIANNA. — Como se casaram dois caçadores, por ERNESTO VIANNA. — Antonio de Lemos, por PEDAL CHICO. — Corridas nos Olivaeos, por SAUDE JUNIOR. — Desastre. — Real Associação Naval. — Regata em Cascaes. — Regatas em Lourenço Marques. — Revista quinzenal, por E. D'A. — Hespanha taurina. — Brazil taurino. — Jogo de club e half-back, por VALENTIM MACHADO. — Real Gymnasio Club. — Historia d'um cão. — Expediente.

GRAVURAS

Real velo club do Porto — Dr. Jayme Ribeiro. — Antonio de Lemos. — German Sanches (Serejito).

CARTA

Meu caro Anselmo

São passados tres annos depois do apparecimento do *Tiro Civil*.

Quantas luctas, quantas difficuldades, quantos desgostos nos tem acarretado esta publicação em que tanto nos empenhámos e que tanta sensoria nos tem causado. Uma verdadeira via dolorosa!

Vaes extranhar por certo a minha carta, não pensas certamente na resolução inabalavel que ella encerra, mas não seria justo nem leal que eu continuasse a ser proprietario do *Tiro Civil* sem poder dar-lhe como até hoje fiz, todo o meu trabalho e todo o meu esforço.

A gerencia da officina typographica *A Liberal* obriga-me a pedir-te que me dispenses de pensar e de cuidar do *Tiro Civil* e cedo-te a minha parte de proprietario d'essa publicação que oxalá não fosse um encargo, regularmente pesado.

Nos ocios, que poucos são, enviar-te-hei a minha prosa, pois não deixarei de defender com convicção e com entusiasmo a generosa idéa do tiro nacional, que considero, como sempre, das mais uteis e das mais patrioticas.

A grave doença, de que ainda não estou completamente restabelecido foi, talvez, a causa d'esta resolução; mas, com franqueza, sinto-me enfraquecido e velho e sobretudo cançado d'uma lucta, que tenho sustentado com o maior desinteresse e que só me tem acarretado não direi desgostos, porque não valem tanto as más linguas, mas grandes desejos e pruridos de escrever cousas que melhor é fiquem para sempre... no rol do esquecimento.

Podes, porém, contar comigo quando entenderes que a minha collaboração e o meu trabalho te pode servir, por que sou e continuarei a ser.

Outubro de 1897.

Amigo sincero

PALERMO DE FARIA.

O nosso bom amigo Palermo de Faria, deixa de fazer parte da empresa de *O Tiro Civil*, como nos communica pela carta que acima publicamos; e querendo dissuadir-

d'esta resolução rendemo-nos ás rasões apresentadas que são realmente de peso, e que tambem nos interessam sobremaneira.

Os muitos affazeres, principalmente hoje, que a industria typographica lhe absorve todo o tempo, impede-o de continuar na lucta cheia de difficuldades, ainda hoje não vencidas, que dura ha tres annos.

A franca e boa camaradagem que nos ligou, durante esse periodo não termina por completo, por isso que Palermo de Faria, com o seu bello talento, tendo sido um dos maiores propagandistas do *tiro nacional* continua-l'õ-ha a ser, nas columnas de *O Tiro Civil*, que elle tanto tem illustrado.

ANSELMO DE SOUZA.

TIRO

Concurso official de tiro civil

ESTAMOS em meados de outubro, o mez em que se disse ser o concurso official d'este anno, e não nos consta que se tenha procedido a qualquer trabalho para o levar a effeito.

Nem as associações, nem os grupos procuram obter dos poderes publicos o cumprimento d'esse preceito do regulamento da carreira, e a carreira continua a ter uma diminuta concorrencia.

Ha em tudo isto symptomata de pouca vida, é um facto, mas tambem, não vemos symptomata de reacção; as estações officiaes queixam-se do abandono da carreira, e da inificacia da associação, mas limitam-se aos queixumes, não estudam

nem buscam remediar o mal, pelo contrario, parece que se sentem bem n'este *lazaronismo* mortifero.

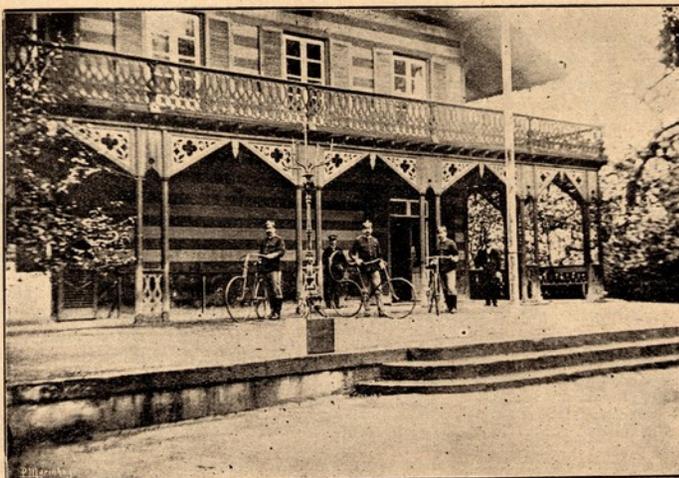
Em todas as nações vemos um enorme movimento a favor do tiro; aqui nas nossas columnas, muitas vezes registamos o que n'outros paizes se faz; infelizmente, no nosso não ha noticia d'uma providencia por pequena que seja a beneficio do tiro nacional.

Associações e grupos encerrados no mesmo *lazaronismo*, queixam-se amargamente do abandono a que foram votadas, mas não vemos que tentem, sequer, ao menos, sacudir o torpor que as contamina, parecem não ser as mesmas que vimos tão cheias de ardor patriotico pelo edial que lhes foi berço.

Na carreira, todos os domingos, veem-se os fanaticos, ou os *sportsmen* do tiro; este grupo é composto de socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, Associação dos Atiradores Civis Estrella, Grupo Patria, Grupo Suisso*, alem d'um certo numero de individuos não associados; por aqui se vê a insignificante quota parte com que cada um concorre.

Não haverá meio de impulsionar estas collectividades, por forma a que n'um periodo mais ou menos largo, o *tiro nacional* seja um facto entre nós? parece-nos que compenetrando-se todos do alto serviço que prestavam á patria, se devia formar uma união entre os grupos ou associações, que muito embora autonomos na sua administração ou processos de instrução, no entanto fossem *um por todos e todos por um*, para conseguir do poder central, medidas tendentes á protecção e ao desenvolvimento do tiro nacional.

Para o anno temos o centenário da descoberta da India; no programma official



Real Velo Club do Porto  
Séde, chalet no jardim do palacio de Crystal

das festas está incluído um concurso de tiro nacional, como o querem executar?

Existe uma comissão com caracter mais ou menos official, composta de distinctos officiaes do nosso exercito e de representantes das collectividades por nós citadas; porque não toma esta comissão o honroso eucargo de dirigir o movimento a favor do tiro? não será tempo de remediar e preparar concursos parciaes, de forma a que no proximo anno, o concurso já annuciado, seja uma realidade que honre o paiz e a comissão, em legar de ser um desastre, ou não se effectuar por falta de atiradores?!

D'aqui appellamos para os sentimentos altamente patrioticos, do digno presidente e de todos os membros que compõem a comissão.

Ainda se pode recuperar o tempo perdido, ainda se pode organizar um concurso para 1898, que honre Portugal.

### Carreira de tiro

Alvos a 100<sup>m</sup> normal, 200<sup>m</sup> normal, figura de joelhos, e repetição; 300<sup>m</sup> circular e normal. Arma Kropatscheck 8<sup>mm</sup> m 1886.

#### Domingo 26 de setembro

	Disp.	Acert.
Alvo a 100 <sup>m</sup> , normal.....	20	14
» » 200 <sup>m</sup> , repetição.....	100	54
» » 200 <sup>m</sup> , fig. de joelhos....	140	71
» » 300 <sup>m</sup> , normal.....	160	137
	420	276

Frequentaram a carreira 13 atiradores.

#### Domingo 3 do corrente

	Disp.	Acert.
Alvo a 100 <sup>m</sup> normal.....	20	14
» » 200 <sup>m</sup> , ».....	30	17
» » 200 <sup>m</sup> , repetição.....	150	97
» » 200 <sup>m</sup> , fig. de joelhos....	110	47
» » 300 <sup>m</sup> , normal.....	250	174
	560	349

Frequentaram a carreira 19 atiradores; matricularam-se os srs. João Falcão, de 22 annos, natural de Chaves, estudante; e João Manuel Rodrigues.

#### Domingo 10 do corrente

	Disp.	Acert.
Alvo a 200 <sup>m</sup> , normal.....	60	53
» » 200 <sup>m</sup> , repetição.....	150	106
» » 200 <sup>m</sup> , fig. joelhos.....	80	40
» » 300 <sup>m</sup> , normal.....	250	175
	540	374

Frequentaram a carreira 17 atiradores.

\*  
\*  
\*

N'estas tres sessões fizeram-se, como sempre, magnificas series; vamos, dar o resultado, por alvos, juntando todos os tiros dados nas tres sessões, em que figuram alguns dos nossos melhores atiradores.

#### Alvo normal a 200<sup>m</sup>,

	Disp.	Acertt
Gil Portocarrero.....	10	10
João Ivens Ferraz.....	20	20
Manuel Fernandes dos Santos..	30	22
Pedro Cannas.....	10	8

#### Alvo normal a 300<sup>m</sup>,

	Disp.	Acer.
João Ivens Ferraz.....	40	35
Adtonio Gonçalves Santiago...	30	24
Agostinho Manuel de Souza...	30	20
Ligorio Silvestre da Silva.....	30	23
Manuel R. Formozinho.....	10	10
E. Kesselring.....	60	46
R. Rogenmozer.....	40	31
Manuel J. Magalhães.....	10	8
Alfredo Lopes de Azevedo.....	20	15
Eduardo Rodrigues da Costa...	10	6
Henri Dumorá.....	10	9

	Disp.	Acer.
Guilherme Silva.....	10	6
Luiz A. Corrêa Saraiva.....	20	15
Gonçalo Heitor Ferreira.....	30	29
Gil Portocarrero.....	60	44
M. Hermann.....	40	33
João Pedro Fernandes.....	30	25
Guilherme Henriques.....	20	18
José Thomaz Coelho.....	10	6
A. Leuzinger.....	10	10

#### Alvo a 200<sup>m</sup>, fig. de joelhos

	Disp.	Acert.
Ligorio Silvestre da Silva.....	30	24
João Ivens Ferraz.....	30	18
Antonio Gonçalves Santiago...	20	14
E. Kesselring.....	10	7
Agostinho Manuel de Souza...	20	7
Luiz A. Corrêa Saraiva.....	10	5
Gonçalo Heitor Ferreira.....	40	24
M. Hermann.....	10	6
João Pedro Fernandes.....	20	11
Gil Portocarrero.....	10	2
José Thomaz Coelho.....	10	7
Alfredo Lopes de Azevedo.....	20	8
Guilherme Silva.....	10	2
Alexandre Leuzinger.....	20	6
Guilherme Henriques.....	10	4

#### Alvo a 200<sup>m</sup>, repetição

	Disp.	Acert
João Ivens Ferraz.....	60	45
José Thomaz Coelho.....	10	7
Alfredo Lopes de Azevedo.....	10	8
M. Hermann.....	30	21
João Pedro Fernandes.....	10	6
Gil Portocarrero.....	50	33
Gonçalo Heitor Ferreira.....	30	26
Luiz A. Corrêa Saraiva.....	10	7
R. Rogenmozer.....	10	9
E. Kesselring.....	30	21
Ligorio Silvestre da Silva.....	10	4
Agostinho Manuel de Souza...	20	11
Guilherme Henriques.....	10	8
Antonio Gonçalves Santiago...	40	27

N'estes tres dias houveram atiradores que fizeram series completas de 10 tiros.



## CAÇA

### Doutor Jayme Ribeiro, Presidente da Direcção do Club dos Caçadores do Porto

IA-ME enganando, uma vez, a seu respeito. Ia-me enganando redondamente, confesso. Quasi vencido por arte magica do mafarrico, ia-me deixando illigar por este, eu, que costume fazer-lhe figas com as mãos ambas quando me sinto perseguido pelas suas tentações. Reagindo, pude resistir-lhe, salvando, assim, a minha consciencia e a minha probidade.

E' por isso que, com o maior prazer, com a maior satisfação, me occupo hoje do doutor Jayme Ribeiro, firmando com o meu humilde nome meia duzia de palavras que, singelamente entretencidas mas expontaneamente consagradas ao illustre caçador, traduzem a homenagem merecida que lhe rende a redacção d'*O Tiro Civil*, e o preito e amizade que lhe tributa quem tem a honra de firmal-as.

Eu queria espriar-me em considerações a seu respeito: queria divagar sobre o seu caracter impolluto, sobre a maneira digna, exemplar, como desempenhou, não só por uma vez, o cargo de administrador de concelho, e referir-me aos seus escritos em diversos jornaes publicados; eu queria, finalmente, extender-me por ahi fóra, mostrar bem aos leitores do *Tiro* como é digno de admiração e deferencia, de veneração e estima o doutor Jayme Ribeiro; tenho, porem, de metter por outro trilho, de me amoldar com o feito da secção cynegetica d'este jornal, e limitar-me, ainda assim, a dizer pouco, muito pouco, somente o que seja possivel dizer-se sobre o assumpto, n'aquella meia duzia de palavras.

Nos centros de palestra venatoria, a fama de caçador sublime do doutor Jayme Ribeiro revoa ha muito tempo, e as tubas que a apregoam, de dia para dia mais persistentemente, vão-n'a tornando de cada vez mais conhecida d'aquelles que se entregam ao prazer da venatoria.

Boa perna e certaíra pontaria, o doutor Jayme Ribeiro, devido tambem á sua longa pratica e immensa dedicação pela caça, possui mais a excellenta qualidade de advinhar as lebres e as perdizes, o que lhe vale, nas caçadas que realisa, sobresahir, muitas vezes, perante aquelles que tem por companheiros, não deixando, por consequente, perder nunca os seus antigos creditos, a sua grande reputação de caçador abalisado.

Todos sabem como é difficil fazer-se nos tempos d'hoje, mesmo nos mais abundantes sitios de perdizes, uma caçada a estas aves que se distinga das caçadas usuas: João Rafael Mathias, do Crato, uma das melhores espingardas que conheço, e que viveu e caçou sempre em terras de fartura, disse-me uma occasião que da duzia tinha passado raras vezes; pois o doutor Jayme Ribeiro é dos poucos que, n'um dia, têm ultrapassado essa bonita conta: ainda não ha muito que em Malcata, do Sabugal, pôz á cinta do seu *secretaris* só perdizes desesete.

Como companheiro de caça é imprescindivel; mas ai d'aquelle que a seu lado não se portar á altura de genuino cultor da arte de Santo Eustachio. Que o diga o reverendo Alexandre José de Carvalho, um de seus companheiros de caça inseparaveis.

No *Club dos Caçadores do Porto*, de que é digno e estimado presidente de direcção, tem dado exuberantes provas da sua grande paixão pela caça e por tudo que com ella se relaciona. Como socio do Club e presidente da direcção, tem prestado á sociedade que se honra de o ter á frente dos seus destinos, serviços d'importancia extraordinaria, devendo-se á sua actividade e intelligencia a realização do *concurso nacional de tiro*, este anno effectuado, e que tão applaudido foi não só por aquelles que o levaram a cabo, mas por todas as associações congengeres do *Club dos Caçadores do Porto*.

Como frequentador da Escola de tiro d'este Club, é dos mais assíduos e apaixonados e a sua pericia n'ella, por tantas e tantas vezes comprovada, é das que mais brilhantemente se têm patenteado ao testemunho dos atiradores que na Escola se vão exercitar.

E' um de seus frequentadores mais distinctamente premiados e mais temidos dos atiradores que costumam tomar parte nos torneios, e só devido a muita infelicidade, a essa praga que em certas occasiões faz do melhor atirador um pechote sem equal, é que o doutor Jayme Ribeiro poderá deixar de attingir o maior grao de boa percentagem nos tiros que dispara.

Muitos presidentes de direcção tem tido, por assim dizer, o *Club dos Caçadores do Porto* desde que se instituiu; o primeiro e o penultimo foram-lhe dedicadissimos e trabalharam em sem favor com desvelo singular; o doutor Jayme Ribeiro não lhes quer ficar a traz.

Que elle se conserve por longos annos no seu posto, para felicidade d'esta prestante associação, que muito perderá se um dia lhe faltar o seu presidente trabalhador, affeiçoado, intelligente e querido.

Porto, outubro de 97.

## A caça e as armadilhas

O nosso estimado collega *Diario de Noticias*, de hontem 14, a proposito d'este assumpto publicava a seguinte noticia:

Pelo artigo 8.º do regulamento da caça, é absolutamente prohibido, no exercicio da caça o uso ou emprego de reclamos, laços, fios, ratoeiras e outras quaesquer especies de armadilhas, sob pena de 4\$000 réis de multa.

Ora, acontece que actualmente estão apparecendo no mercado da Praça da Figueira canastras cheias de perdizes vivas, que só por meio de armadilhas poderiam ter sido apanhadas, o que concorre para o desaparelhamento da caça em Portugal.

Pelos sitios do Cartaxo e suas proximidades teem apparecido ultimamente uns individuos que se munem de um ramo de oliveira com o qual se encobrem, atando-o á cintura e de espingarda em punho procuram os bandos das perdizes e rolas, fazendo-lhes grande desbaste. E' tambem uma fórma de armadilha com a qual matam a caça cobardemente.

Pedimos para estes abusos a attenção das autoridades competentes.

Fazemos nossas as reclamações no nosso esclarecido collega, já nos annos anteriores reclamamos contra a entrada de perdizes vivas, que é um grande abuzo, e que não sabemos como a guarda fiscal, confiado como lhe foi determinado superiormente a execução dos regulamentos sobre a caça, não sabemos, repetimos, como é que ella consente a entrada da caça viva.

O anno passado por esta occasião reclamamos e as nossas reclamações foram ouvidas, logo, mais uma razão para que este anno não voltassemos á mesma.

Cumprindo-se rigorosamente a lei não só não entrariam vivas, mas não entravam tambem estranguladas, mas unicamente mortas a tiro.

Os negociantes de caça que as introduzem vivas na cidade, teem por fim evitar que ella se estrague mais rapidamente sobre tudo agora, emquanto o tempo está quente; mas tambem como a caça morta a tiro tem outro valor para a venda, mandam-n'a então, á medida que precisam, *assassinar a tiro!* ahi fóra de portas, com as azas amarradas, ou as guias cortadas!...

Apellamos para o sr. governador civil do districto, para que á guarda fiscal, mais uma vez se lhe faça conhecer qual a interpretação que deve dar ao regulamento da caça, por isso que, em vista do artigo 8.º do mesmo regulamento, deve ser apprehendida *toda a caça de penna que não seja morta a tiro*, por isso que á de pello se não pode applicar o mesmo, visto que lebres e coelhos são mortas por forma a que não é obrigado o tiro, o que aliaz dá logar a muitas transgressões.

Muitas lebres são corridas a galgos, e muitos coelhos morrem nas ratoeiras, aqui, com estas, a fiscalisação é mais difficil.

No entanto, o que não pôde é continuar o abuso da introdução de caça viva, apanhada com redes e armadilhas, já appellamos para o sr. governador civil, e cremos que se darão providencias; mas ás associações cumpre fiscalizar este e outros assumptos, que muito interessa ao augmento da caça e por conseguinte a todos os verdadeiros caçadores.

## Um caçador de pegas

EM 1896 foi para Espinho tomar banhos um cavalheiro que só na epocha balnear se arvora em caçador.

Um dia, rede a tiracollo, espingarda em bandoleira, cartucheira abarrotada, marchou para os pinhaes proximos do logar de Anta, onde deparou com um grande

bando de pegas a que tratou de dar caça, batendo-se em astucia com os elegantes animaes, que, apercebendo-se perseguidos, escarneciam do caçador poisando sempre fóra do alcance de tiro.

Por fim, depois de muito trabalho e cancelleiras, uma pega aproximou-se do pinheiro atraz do qual se tinha escondido o astuto caçador e este apontou, mirou bem e... pum.

A pega cahiu.

O feliz caçador correu pressuroso, agarrou a sua victima, e dependorou-a ao cinto pelas pernas.

Satisfeito com a sua presa, não pensou mais em caçar e encaminhou-se para Espinho atravessando os pinhaes, quando a pega, que apenas estava atordoada por lhe ter batido no bico um grão de chumbo, começou a berrar e a esvoaçar como uma possessa.

A principio não deu o caçador grande importancia ao caso, mas as pegas que andavam pelos pinhaes, e ali ha muitas, ouvindo os berros da companheira, vieram todas em bando, e principiarão a voar e a berrar n'uma gritaria de ensurdecer, de volta da cabeça do caçador, tentando atacal-o, tendo elle de fazer sarilho com a espingarda por cima da cabeça, para se defender de tão terriveis e numerosas inimigas e, vendo que nem assim, conseguia livrar-se e como lhe não davam tempo para poder desatar as pernas á prisioneira, tirou do bolso uma navalha e, em quanto com uma das mãos continuava a fazer sarilho com a espingarda, com a outra cortou o cordão que prendia as pernas da pega e esta, sentindo-se livre, voou a juntar-se ás outras, que só então abandonaram o inimigo e infeliz caçador, que, só chegou a Espinho espavorido e só respirou e socegou do susto quando se viu na povoação.

Talvez os leitores julguem que é *blague* o que acabo de contar?

Pois não é.

Posso indicar-lhes alguns cavalheiros que podem attestar a veracidade do acontecimento e não digo o nome do infeliz caçador de pegas porque sei que elle é muito modesto e não gostaria de que eu o tornasse conhecido.

NEMROD.

## A laverca

ESTA ave mede 0,18 de comprimento, 0,34 de envergadura e 0,07 de cauda. No lombo tem as pennas pardo alouradas, ventre esbranquiçado e a cabeça apresenta manchas trigueiras. As partes lateraes do tronco são marcadas por linhas longitudinaes negras. O bico é pardo azulado e os pés são vermelhos.

Habita a Europa e uma grande parte da Azia. Em Portugal é commum ao principio a queda da folha, sendo a sua arribação de muitos milhares de individuos.

A *laverca* tanto vive nos logares cultivados como nos terrenos áridos e desertos.

Passa os dias em movimento constante, corre, vóa, grita e canta sem cessar.

E' rapida na corrida, e ao voar descreve longas linhas onduladas, batendo ruidosamente as azas.

E' um dos passaros mais madrugadores que se conhecem: Mal o dia aponta, eleva-se no espaço cantando alegremente para saudar os primeiros clarões matutinos e não emudece senão um quarto de hora antes do occaso do sol.

O canto é claro, puro e variado.

O dom que a *laverca* possui de imitar as aves canoras que vivem perto d'ella,

dá logar a que o seu canto apresente variações que correspondem exactamente ás das diferentes especies circumvisinhas.

Só no inverno, ou na occasião das emigrações é que a *laverca* vive em boa harmonia com os seus semelhantes. No tempo do cio os machos entregam-se a combates desesperados, que umas vezes se realisam no ar, outras em terra, á maneira dos combates dos gallos. A's vezes as fêmeas tomam parte na lucta.

As *lavercas* tem como inimigos declarados todas as pequenas aves de rapina, nomeadamente o *esmerilhão*.

Quando esta ave apparece, as *lavercas* calam-se e deixam-se cahir por terra, aconchegando-se bem contra o solo, porque sabem que só assim podem salvar-se.

Só aquellas que andam voando muito alto e que não veem a tempo o inimigo, é que tentam salvar-se elevando-se ainda mais, e, soltando gritos de terror, sobem sempre, sempre, procurando manter-se acima da ave de rapina, que não pode atacal-as senão de alto; esta procura seguil-as, mas acaba por fatigar-se.

O medo que as *lavercas* teem d'este inimigo é inexcedivel, chegando mesmo a fazel-as refugiarem-se junto do homem. Os pequenos carniveros e os roedores tambem destroem grande numero de *lavercas*.

Para obrigar as *lavercas* a juntarem-se e evitar que o caçador seja furçado a matal-as uma a uma, no ar, o que seria bastante dispendioso, e tambem para o não forçar a atirar-lhes no chão, o que geralmente repugna a todo aquelle que se jacte ou queira jactar-se de caçador, inventou-se um instrumento efficacissimo para as attrahir e superior a todos os reclamos até então conhecidos.

Este instrumento vende-se já feito e tem o nome de *espelho de lavercas*; pode tambem fazer-se facilmente, pois serve de reclamo qualquer vidro de espelho que, agitado reflecta os raios solares.

O mais vulgar é um bocado de madeira incrostado de pedaços de espelho, dispostos de modo que possa mover-se continua e facilmente por meio de um cordel cuja a ponta deve estar presa á mão ou ao pé do caçador. Puxando o fio com um movimento regular e certo, obriga-se o apparelho a mover-se sem cessar e os espelhos, reflectindo os raios do sol, fascinan por completo as pequenas aves que se precipitam, loucas, sobre elles, em bandos numerosos.

E' tal a fascinação que este apparelho exerce sobre as *lavercas* que não só se aproximam d'elle as que vagueiam perto, mas tambem as que parem no ar, embora a grande distancia, e ainda ás que, pouzadas ouçam os gritos das já attrahidas.

Então o caçador nada mais tem a fazer do que apontar ao centro do bando e, disparando, pode ter a certeza de grande numero de victimas.

Ha ainda, e estes são os melhores e mais perfeitos, uns outros instrumentos com espelhos, aos quaes se dá corda pelo mesmo systema dos relógios; com elles evita-se a massada de estar a puxar o cordel, que muita vez se prende ou embarça nas hervas e raizes, ficando nullo o seu effeito.

Ha tambem muita gente que gosta de matar as *lavercas* quando ellas andam no pasto, aos bandos.

Para isto é mister muito boa vista e, sobretudo, muita paciencia.

Deixa-se pousar o bando, fixa-se o sitio onde se pousou, e caminha-se vagarosamente e com cautella para lá. Em estando perto, o caçador aninha-se e estende a vista por sobre o local onde viu abater-se o bando. Deixando-se estar assim alguns

segundos, verá mecherem-se por entre as hervas uns pequenos pontos, que outra couza não são mais que as cabeças das *lavercas*, e então nada mais terá a fazer do que deixal-as juntar e fazer fogo.

Este meio é proprio dos que não sabem ou não querem *atirar ao ar*, quando a ave vóa. O chumbo empregado para esta caça deve ser a *es. umilha*, n.º 10.

M. do C.

### O gaio

O pardo avermelhado ou pardo trigueiro, mais escuro nas partes superiores do que no ventre, é a cõr dominante no *gaio*. Este passaro de bico muito grosso, ligeiramente chanfrado na ponta, tem o uropigio branco, a garganta esbranquiçada e cercada por uma raia negra, larga, que desce da região facial; a cabeça na sua parte superior manchada longitudinalmente de branco e negro, as remiges pretas exteriormente circuitadas de branco acinzentado ou pardacento, as rectrizes tambem pretas, ás vezes circuitadas de azul, as coberturas superiores das remiges primarias alternativamente raiadas de negro, de azul e branco, os olhos azues claros e os pés pardacentos.

O seu comprimento total é de 0,36 e a envergadura de 0,55.

A femea tem, aproximadamente, a mesma plumagem do macho, mas é menor em tamanho.

Exceptuando o extremo do norte o *gaio* habita todas as florestas da Europa, da Asia central e do noroeste da Africa. Em Portugal é muitissimo commum.

Frequenta os campos arborisados, os bosques, as orlas das florestas e, principalmente, os pinheiraes. Isola-se em pares ou casaes, na primavera e no resto do anno vive em familias, ou em pequenos bandos errantes.

E' um passaro vivo, sempre em movimento e muito astuto. Quando folga toma posições singularissimas e imita diferentes vozes.

No ar, voando, é pesadissimo e não se atreve a percorrer grandes distancias; como é muito agil nos ramos das arvores, poisa em todos os que encontra quando atravessa uma clareira; em terra anda bem.

E' o mais temivel e cruel destruidor de ninhos, que se conhece nas clareiras.

E' omnivoro. Desde os ratos e os passaros impolumes até aos mais insignificantes insetos, nenhum animal lhe escapa; gosta tambem dos vegetaes e nomeadamente dos fructos.

A quadra dos amores principia com a primavera. No mez de março construe o ninho e as posturas realizam-as no começo do mez de abril.

A caça do *gaio* é geralmente difficil.

Astuto, muito fino e desconfiado, é rarrissimo deixar-se apanhar com armadilhas.

Os que se encontram vivos e captivos são sempre apanhados no ninho quando pequenos.

No logar onde for uma vez perseguido, jámas deixará de ser acatellado.

Inimigo irreconciliavel do caçador, ao precentil-o avisa os outros passaros.

Para caçar bem esta ave é necessario que o caçador tenha tanta astucia ou mais do que ella.

Ha porem, um meio de matar *gaios* com facilidade: *ferir um d'asa*, e deixal-o no chão á distancia de tiro, berrando á vontade.

Os outros, ouvindo-o approximam-se a

socorrel-o e então com segurança se podem matar muitos.

Em todos os pinheiraes e devezas se encontram *gaios* em abundancia.

M. do C.

### Legislação

EM o n.º I do *Tiro Civil*, publicámos o regulamento sobre caça, da Junta Geral do Districto de Lisboa; em seguida publicamos o regulamento do Districto do Porto.

#### Regulamento sobre caça approved pela Junta Geral do Districto do Porto em 26 de maio de 1883.

Art. 1.º—E' licito a todos sem distincção de pessoas dar caça aos animaes bravios, conformando-se com as disposições seguintes:

Art. 2.º—E' permitido caçar:



Dr. Jayme Ribeiro

Presidente da direcção do Club dos caçadores do Porto



1.º Nos terrenos proprios, cultivados e não cultivados.

2.º Nos terrenos publicos ou concelhios, não cultivados nem vedados por muros, vallados, paredes ou sebes e nos não exceptuados administrativamente;

3.º Nos terrenos particulares não cultivados nem vedados por muros, vallados, paredes ou sebes.

Art. 3.º—Todo aquelle que caçar em terrenos alheios, cultivados, abertos, ou sejam publicos, concelhios ou particulares, e nos exceptuados administrativamente, sem licença do dono, ou da respectiva auctoridade, incorrerá na multa de 4\$000 a 8\$000 réis.

§ unico. Cessa a disposição d'este artigo:

1.º Nos terrenos alheios, cultivados, abertos, publicos, concelhios ou particulares, sementeos de cereaes ou de qualquer sementeira ou plantação annual, depois de effectuada a colheita.

2.º Nos terrenos que se acham de vinhago ou de outras plantas fructíferas, vivases, ou de pequeno porte, desde a colheita dos fructos até o tempo em que as plantas comecem abrolhar.

3.º Nos terrenos abertos, plantados de oliveiras ou de outras arvores fructíferas de grande porte, em todo o tempo excepto, n'aquelle que medeia entre o começo da maturação dos fructos e a sua colheita.

Art. 4.º—Todo aquelle que sem licença do dono, caçar ou seguir animaes feridos dentro de predios vedados por muros, vallados, paredes ou sebes, incorre na multa de 6\$000 a 10\$000 réis.

§ 1.º O dono do predio ou seu representante estando presente é obrigado a entregar ao caçador o animal que cahir morto dentro d'elle, ou a permitir que o vá buscar sem nenhum séquito; e não o entregando, ou não permitindo a entrada, incorrerá na multa de 500 a 1000 réis, alem da indemnisação que deva ao caçador.

§ 2.º O facto da entrada dos cães de caça no predio vedado, pela forma declarada n'este artigo, independentemente da vontade do dono, em seguimento do animal que n'elle haja penetrado, só produz a mera obrigação da reparação dos damnos que causarem.

Art. 5.º—Agora o caso previsto no § 1.º do artigo antecedente, aquelle que em outro qualquer caso apprehender animal morto pelo caçador, em quanto durar o acto venatorio, ou retido em suas artes de caça, ou ferido e seguido por elle, e não lho entregar, incorrerá na multa de 2\$000 a 4\$000 réis, alem da indemnisação que lhe dever.

Art. 6.º—E' prohibido destruir nos predios alheios, ninhos, ovos ou ninhadas de aves de qualquer especie, e as dos laparos e suas luras ou ninhos, sob penas de 2\$000 a 5\$000 réis.

Art. 7.º—No districto do Porto é prohibido caçar lebre, coelho, perdiz e codorniz, desde 15 de março até 15 de setembro, sob pena de 6\$000 a 10\$000 réis.

§ unico. Exceptuam-se:

1.º O proprietario ou possuidor dentro de seus predios vedados de modo que os animaes, não possam entrar e sahir livremente;

2.º Os proprietarios e cultivadores para destruir nas suas terras os animaes bravios ou aves que se tornam prejudiciaes ás sementeiras, plantações, cereaes ou fructos pendentes;

3.º Todo aquelle que der caça a lobo, rapozas, javalis, ginetas, martas, ou outros animaes nocivos e perigosos; ou aves de arribação.

Art. 8.º—A caça da lebre, coelho, perdiz e codorniz, só poderá effectuar-se pelos seguintes modos:

1.º A da lebre a tiro, ou com cães e galgos;

2.º A de coelho a tiro, ou com cães e furão;

3.º A de perdiz e codorniz a tiro e com cães de mostra.

Art. 9.º—Aquelle que caçar os animaes e aves designados no artigo precedente por modo diverso dos n'elle permittidos, ou de noite, ou quando os terrenos estiverem cobertos de neve, ou por meio de embuscadas, esperas, redes, fios, ichozes, aboizes, ou outro similhante artificio, será punido com a multa de 6\$000 a 10\$000 réis.

§ unico. Os individuos a que se referem os n.ºs 1.º e 2.º do § unico do art. 7.º, podem caçar os animaes e aves designados no art. 8.º, por qualquer dos modos prohibidos n'este art. 9.º e os individuos a que se refere o n.º 3, do mesmo § unico do art. 7.º os animaes e aves mencionados n'este mesmo numero.

Art. 10.º—Será punido com a multa de 10\$000 a 15\$000 réis, aquelle que empregar droga ou substancia venenosa ou corrosiva para matar caça, a que se refere o art. 8.º.

Art. 11.º—Durante o tempo defezo é prohibido deixar divagar os cães de caça, sob pena de 500 réis por cada um, salvo sendo açaimados ou ajoujados.

Art. 12.º—Durante o mesmo tempo é prohibido expressamente pôr á venda, vender, comprar e transportar dentro do districto, lebres, coelhos, perdizes e codornizes, sob a pena de 1\$000 réis por cada cabeça.

§ unico. Exceptuam-se:

1.º—A caça designada n'este artigo, procedente d'outro districto, vindo acompanhada de guia da respectiva auctoridade administrativa que prove a procedencia.

2.º—A mesma caça que se provar ter sido morta nos termos permitido no § unico do art. 7.º.

Art. 13.º—Aquelle que quizer caçar nos terrenos municipaes, ou nos terrenos particulares alheios, munir-se-ha de licença passada pela camara municipal do concelho da sua residencia, valida por um anno para todo o districto, pela qual pagará a quantia de 1\$000 réis.

§ 1.º—Se algum extranho ou não residente no districto, pertender caçar n'elle munir-se-ha igualmente de licença que poderá solicitar no concelho d'este districto, onde mais lhe convenha.

§ 2.º—Aquelle que caçar sem licença nos terrenos municipaes ou nos particulares alheios, será punido com a multa de 2\$000 réis, que reverterá em favor do cofre do municipio aonde for encontrado a caçar sem ella.

Art. 14.º—As camaras municipaes de accordo com a respectiva auctoridade administrativa, combinarão no tempo e modo de destruir os animaes nocivos e perigosos, quando infestarem as suas circumscrições.

Art. 15.º—No caso de reencidencia nas contravenções prevenidas n'este regulamento, a pena de multa será aggravada com a de prisão dentro dos limites auctorizados pelo art.º 254 e 480 do Código Penal.

Art. 16.º—A pena de prisão substituirá a de multa, na razão de 500 réis por dia quando o infractor condemnado não tiver bens sufficientes e desembaraçados para pagamento d'ella nos ter-

mos que prescreve o artigo 101, § 4.º do mesmo codigo.

Art. 17.º—As multas impostas por este regulamento revertirão em favor dos cofres dos respectivos municipios.

Art. 18.º—Ficarão encarregados da execução e cumprimento d'este regulamento, todos os empregados de policia municipal e todos aqueles a quem as leis incumbem vigiar pela execução dos regulamentos municipaes.

Art. 19.º—As camaras municipaes, darão annualmente conta á junta geral de districto das difficuldades e inconvenientes que encontrarem na execução d'este regulamento, indicando o modo de as resolver e remediar.

Art. 20.º—Eicam revogados todos os regulamentos e posturas municipaes, relativas á caça, publicadas anteriormente a este.

## SECÇÃO LITTERARIA

Não nos podemos furtar ao prazer de fazer chegar até aos nossos leitores, os mimosos versos do nosso particular amigo e distincto collaborador sr. Ernesto Vianna. O livro com que nos brindou, cujos versos transcrevemos, demonstra que o auctor, a par de poeta consagrado é um artista do mais fino gosto; tal é a impressão que nos causou a capa do livro, cujo grupo allegorico do poema, é outro poema.

### Voltando ao lar

Como é bello este ceu da patria minha!  
Que brilho elle não tem!  
E eu, qual a alegre e timida andorinha  
Que demandando vem.

O tecto onde nasceu, seu patrio clima,  
Suave, sem igual,—  
Assim de te rever minh'alma anima  
Um goso divinal!

São passados, Senhor, amargos dias  
D'uma ausencia cruel;  
D'uma ausencia,—só tu, alma, sabias  
Como era amargo o fel!...

E que de pensamentos á lembrança  
Por vezes me acudiram,  
Relegando p'ra longe toda a esperanza,  
Esp'ranças que sorriam!

E' bem cruel assim viver ausente  
D'uma Mãe na viuvez,  
Sem os aflagos seus, nem um sómente,  
Da dôr n'essa aridez...

Eu buscava contel-a e mal podia:  
Arláva o coração,  
E todo quanto esforço assim fazia,  
Meu Deus!—tudo era em vão.

Eu dizia para mim: Senhor, consente  
Não morra de cansaço,  
N'esta lucha da vida atroz, ingente,  
Sem que o meu debil braço

D'uma feliz hellice á Mãe querida  
Possa levar o pão!  
Oh! dá-me, Senhor meu, dá-me inda vida  
Anima o coração!

Aquelle que ella amou, oh! sim, bem cedo  
O arrebatou a sorte:  
A defeza da patria,—sonho ledo!  
Foi um sonho de morte...

E agora quem lhe resta, a ella, á triste?—  
De olhos postos no ceu,  
Essa pungente dôr que sempre existe,  
Só ella e o filho seu...

Teus olhos, minha Mãe, foram a chamma,  
A luz do meu fanal;  
E esses aflagos teus vivida flamma  
D'um sonho divinal!

Eu via-te sorrir: dos nervos lassos  
Redrobrava o vigor;  
Sentia os beijos teus; e, então, meus braços  
Já não queriam torpor.

Eras, ó Mãe, o sol da minha vida,  
Como eu, na minha infancia,  
Era p'ra ti a pomba dolorida,  
Que aflagavas com ancia.

Mas luctei e venci; hoje, a teu lado  
Quero viver feliz;  
Quero fruir meu sonho indolatrado,—  
E' a alma que m'o diz.

Quero matar a sede matadoura  
Que soube combater;  
Quero beijar-te sempre, a toda a hora,  
Beijar-te até morrer.

Quero nos olhos teus ver o reflexo  
Da luz que anima os meus;  
Quero estreitar-te, ó Mãe, em doce amplexo,  
Assim fitando os ceus.



Antonio de Lemos

Socio do Real Velo Club do Porto

Quero sentir, teu peito unido ao meu,  
Teu coração bater;  
E interrogar: e pode haver no ceu  
Assim igual prazer?!

Quero abrir ante Deus o coração,  
Vida da minha vida!  
Quero ofertar-Lhe, sim, em oblação,  
Minh'alma agradecida

De dôr e de saudade um mar immenso,  
Saudades, dia a dia,  
Sentidas n'um sentir atroz, intenso,—  
A ausencia a nostalgia.

Depois, ébrio d'amor, inconsciente  
Da dura lei da sorte,  
Depois, se Te aprouver, ó Deus clemente,  
Depois que venha a morte...

ERNESTO VIANNA.

### Como se casaram dous caçadores

(Elzéar Blaze)

Nos suburbios de Courville é grande o numero de caçadores; entre muitos, conheço dous que, de sol a sol, não fazem outra coisa senão bater montes e valles. Tudo lhes ia muito bem enquanto a mãe viveu: ao voltar da caça, já os esperavam a ceia quente, a meza posta, um bom brasileiro e as caminhas feitas; os de-

veres a cumprir eram tão sómente aquecerem-se, comer, beber e dormir.

Mas a bôa da velhota morreu e os dous irmãos, toda a vez que, á noite, entravam em casa encontravam-na fria e o armario mal provido.

E, quando se andou um dia inteiro em busca de caça, é preciso um bom jantar, é esse até um ponto essencial, e torna-se tambem necessario que se não faça esperar muito. Mas elles viam-se, agora, obrigados a accender o lume para arranjar a comida e d'este modo se passava o tempo, que bem melhor teriam empregado a dormir.

—E se tu te casasses? —diz um dos irmãos.

—Era um conselho, que eu fazia tenção de te dar,—volve o outro.

—A tua mulher teria sempre, á nossa chegada, a sopinha quente...

—Era exactamente o que esperava da tua.

—Tu, Gaspar, tu, como mais velho, dá-me o exemplo.

—Thiago, tu és mais novo do que eu, e o casamento é aos rapazes novos que melhor quadra.

—Pois, então, casemo-nos ambos.

—Estou d'accordo: d'esse modo, ficaremos ao abrigo do ciume.

—Viveremos juntos; á noite, ao voltarmos da caça, já seremos quatro convivas á meza.

—Mas que soberba lembrança!

—Palavra de honra que foi!

—Mas com quem nos havemos de casar!

—Ora ahí é que bate o ponto...

—Olha, queres tu?—vamos pedir as filhas do rendeiro Diogo, do nosso visinho. Eu, como mais velho, casarei com a Thereza, e tu casarás com a Catharina, por ser mais nova.

—Perfeitamente.

—Resolvido; até amanhã; bôa noite e adeus, mano.

—Bôa noite.

Quinze dias depois, as duas familias, em trajos de festa, achavam-se reunidas para a dupla bôda. As lebres, coelhos, perdizes, corços e javardos das cercanias haviam pago a sua contribuição, e do mesmo modo a capocira do rendeiro, para que no festim não faltassem variados e bellos acepipes. As caçarolas e espêtos derramavam no ambiente um cheirinho suave, capaz de tentar um santo.

Todos faziam bons protestos de lhes prestar as devidas honras, finda que fôsse a cerimonia dos casamentos.

—Gaspar N... , declara tomar por sua mulher Catharina N... , aqui presente.

—Mas, peço perdão, não é com Catharina, é com Thereza com quem eu me caso.

—Mas, queira então ver a certidão dos banhos,—disse o *maire* ao escrivão.

« Pretendem contrahir casamento Gaspar N... com Catharina N... »

—Queira ler a outra.

« Pretendem contrahir casamento Thiago N... com Thereza N... »

—O sr. escrivão não sabe o que está a dizer.

—Não saberei: faça então o senhor mesmo o favor de ler.

—Pois sim, mas é que quem rabiscou isto forçosamente enganou-se.

—Isso é que não quer dizer nada: a certidão está assim passada...

—Mas, então, sr. *maire*, é unicamente uma questão de se mudarem os nomes: raspa-se, põem os nomes como devem ser e o senhor casa-nos.

—E' impossivel; é preciso correrem novamente proclamas.

—E que tempo levará isso?

—Pelo menos, dez dias.

—E o jantar.

—A lei não impede que se coma.

—Mas, vamos, sr. *maire*, faça-nos esse favor.

—O senhor, que é todo bondade...

—Eu, na qualidade de seu caseiro, ficar-lhe-hia muito reconhecido.

—E eu na de seu alfaiate, — disse um dos convidados.

—E eu na de seu boticario, — adduz outro.

—Tenho immenso pezar em ser forçado a observar-lhes, disse o *maire*, que o meu dever é cumprir a lei: — corram-se novos banhos e em dez dias estarão casados.

—E o jantar! uma despeza enorme! Era preciso dar outro, não é verdade?

—Mas quem os obriga a isso? Janta-se hoje e o que se tinha de fazer fica feito.

—Isso é bom de dizer; mas, no dia do casamento, lá vinha o desejo de novo jantar e...

—Mas isso está nas suas mãos.

—E então pensa o sr. que se tivemos a felicidade de reunir tanta caça, ser-nos-hia facil arranjar para outra vez uma egual quantidade?

—Com isso é que eu não tenho nada. Cumpro a lei e ella é egual para todos.

—Como! sr. *maire*, o senhor que tem uma imaginação tão fértil, o senhor não encontrará meio de aproveitarmos o nosso jantar, sem que sejamos compellidos a fazer novos gastos? E, depois, os parentes e os amigos, que vierem de tão longe, tem então de regressar a suas casas para voltar de novo d'aqui por dez dias?...

Veja lá, veja lá como se ha de arranjar este negocio.

—Ha um meio! — um meio bem simples. Se o sr. Gaspar quizer casar com a sr.<sup>a</sup> Catharina e o sr. Thiago com a sr.<sup>a</sup> Thereza, é um quarto de hora o tempo que leva a arranjar-se isso tudo.

—Que dizes a isto, Thiago?

—É tu, Gaspar?

—Para mim, é perfeitamente indifferente.

—E para mim tambem.

—Que dizes tu, Catharina?

—Pois sim! Para que se ha-de perder o jantar?

—E tu, Thereza?

—Tanta comida que ficaria para ahí a estragar-se...

—Pelo que vejo, diz o *maire*, estão todos quatro de accordo?

—Sim, sim, sim.

Os dous casaes uniram-se e o jantar não se perdeu.

Tradução de

ERNESTO VIANNA.

## VELOCIPEDIA

Antonio de Lemos

ESTE nosso amigo de quem hoje damos o retrato é um dos socios do *Real Velo Club do Porto*, mais entusiasta, mais emprehendedor e ingavelmente um d'aquelles a quem esta bella sociedade sportiva mais deve.

Dotado de um genio activo e d'uma boa vontade pouco vulgares, tem ao mesmo tempo o condão de se fazer estimar, por todos aquelles que se abeiram d'elle.

Espirito alegre e franco, ninguém como elle sabe frizar um dito de espirito, contar uma anedocta, ou dar a nota alegre a uma festa como litterato, os seus artigos e as suas poesias enxameam pelas nossas revistas litterarias, ora com o seu verdadeiro nome, ora com variadissimos pseudonimos.

Foi devido á iniciativa de Antonio de Lemos que se realisou no velodromo Maria Amelia do *Real Velo Club*, a melhor de todas os festas ali realisadas, e que foi uma grande kermesse a favor do dispensario da rainha e foi tambem por sua iniciativa que se realisaram um primoroso concerto no salão nobre do Club e um bello espectáculo no theatro «Gil Vicente» dado por amadores socios do *Real Velo Club do Porto*.

E' a elle ainda que se deve de camaradagem com o dr. Jeronymo Moreira, a organização do serviço de hoteis e fornecedores do Club nos quaes tem tido grandes vantagens os socios excursionistas do R. V. C. P.

Muito mais poderíamos dizer d'este nosso amigo, mas tememos melindral-o na sua modestia e só desejaríamos que elle honrasse este jornal com alguns dos seus bellos escriptos.

Porto, 1897.

PEDAL CHICO.

### Corridas nos Olivaes

REALISARAM-SE no domingo passado na pittoresca povoação de Moscavide proximo dos Olivaes, as corridas de bicycletes e *tandems* promovidas por uma commissão particular.

Uma hora antes da marcada para começo das corridas, saiam dois membros do jury com os fiscaes da pista afim de os distribuir pelos pontos mais perigosos da estrada, que seja dito na verdade não era propria nem capaz para tão arriscado divertimento.

A's 2 horas perfixas, e depois de com immenso custo, a commissão e policia, ter afastado a multidão que se apinhava junto da meta, deuse ordem para principiarem as corridas occupando os seus logares os cavalheiros que compunham o jury.

Para a primeira corrida de 7 kilometros, entraram na meta os srs. Manuel Carlos Mergulhão, Carlos Affonso Vianna, Antonio Cardoso, Santos Junior, Julio Rey e J. Lopes.

Ao signal do juiz de partida pozeram-se em movimento, ao som de girandolas de foguetes.

Ganhou o 1.<sup>o</sup> premio o sr. Santos Junior, que além de receber a medalha que lhe competia, teve um lindissimo ramo de flores que a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Motta Veiga havia offerecida para o primeiro premiado da 1.<sup>a</sup> corrida.

Santos Junior, que montava *Columbia*, mostrou ser um corredor de largos recursos.

O segundo premio coube a J. Lopes e o terceiro a Carlos Vianna que, apesar de ter cahido tornou a montar.

Muitas palmas festejaram os vencedores.

Na 2.<sup>a</sup> corrida de egual distancia entraram Luiz Saude Junior, Antonio Barros, Carlos Augusto de Faria e Alfredo Camecelha Pinheiro. D'esta vez quiz a sorte que o 1.<sup>o</sup> premio fosse para C. Faria.

O segundo foi ganho pelo sr. Barros.

A terceira corrida de *tandems* teve lugar em seguida, com duas *equipes* formadas: uma por Manuel C. Mergulhão e Alexandre Mouton e outra por Santos Junior e Julio Rey.

Ganhou o unico premio o primeiro *tandem* *Gladiator* Mergulhão, — Mouton.

A quarta corrida era uma das que estava dispartando mais interesse por ser debatida entre *seniors* na distancia de 14 kilometros.

Correram Antonio Gonçalves Marques, A. Mouton, João Ourem e Idomeu Rocha.

João de Ourem em *Columbia* foi a primeira vez que correu em Lisboa, ganhando com valor o primeiro premio, trazendo bastante dianteira sobre os restantes.

Alexandre Mouton, em *Waverley* ganhou o segundo.

A ultima corrida de estrada era tambem de resistencia e disputaram-na Santos Junior, Carlos Vianna e A. Lopes.

Mais uma vez ficaram victoriosos o sr. Santos Junior em primeiro lugar e Carlos Vianna em segundo.

Qualquer d'estes corredores devem continuar a treinar-se bem e a entrarem em outras corridas, pois mostram aptidões e são valentes.

Terminada esta primeira parte passou o jury e corredores ao local destinado á corrida negativa e torneio de fitas, o qual se achava engalanado com bandeiras.

Na negativa entraram Mergulhão, Santos Junior, Rey, Lopes e Vianna.

O premio d'estas corridas é sempre para o corredor que vier em ultimo lugar, ganhando porém Mergulhão que vinha na frente.

Explica-se este enigma da seguinte fórma:

O vencedor foi o unico que conseguiu entrar na meta porque os outros cahiram no caminho.

Os torneios de fitas foram animados, tendo tirado mais fitas o sr. J. Rey.

Todos os corredores, vencidos e vencedores, ouviram prolongadas e merecidas salvas de palmas.

Os premios foram distribuidos por um grupo de gentis senhoras que, como sempre, se empenharam distinctamente da missão que lhes tinha sido incumbida.

O Atheneu Commercial de Lisboa realisa no proximo domingo 17, um grande sarau seguido de baile.

Na sarau tomarão parte os socios do Atheneu assim como a sua tuna.

Daremos depois uma resenha d'esta festa.

—Tem sido notado pelos nossos mais distinctos cyclistas e por alguns socios do Atheneu Commercial, que a secção velocipedica d'esta aggregação ainda não tivesse realisado até hoje, corridas de bicycletes, o que é deveras para lamentar pois que o Atheneu Commercial podia, querendo, desenvolver entre os seus numerosos socios este bello ramo de sport.

—Temos no dia 31 do corrente, no *Velo Club de Lisboa* um grandioso sarau seguido de baile, para solemnisar o anniversario deste prospero club.

—Corre com grande insistencia, que o *Columbia Club* (do Campo Grande) se muda brevemente para Lisboa, ficando unicamente no Campo, casa para reparação e limpeza de machinas e para descanso dos socios corredores que se achem em treno n'esse bello e aprazivel parque.

Oxalá que tal succeda pois o *Columbia Club* é um dos primeiros senão o primeiro club que se não poupa a despezas e proporciona aos seus socios magnificos divertimentos desenvolvendo com bastante interesse os ramos de sport a que se dedica e entre elles a velocipedia.

Felicitemos pois o *Columbia Club* pela sua resolução.

SAUDE JUNIOR.

### Desastre

CONSTA-NOS que hontem na Figueira da Foz, se deu um accidente desastroso com um cyclista. Foi o caso que um sujeito de appellido Gonçalves, andando em uma bicyclete, em más condições de segurança, pois nem travão tinha, e sendo o Sr. Gonçalves muito inexperiente no maneo da machina, esta foi de encontro a uma carroça ficando o cyclista muito ferido.

Dizem-nos que o ferido é de Lisboa e veio immediatamente para aqui, não inspirando felizmente cuidado o seu estado, com o que muito folgamos.

É perigoso o uso de machinas em mau estado, mas não é menos perigosa a inexperiencia, sobre tudo em ruas de movimento; devem-se convencer d'isto os curiosos, e devem obstar a estas experiencias perigosas, todos os cyclistas, afim de quanto possivel evitar desastres.

## NAUTICA

Real Associação Naval

POR motivos de ordem superior, que ignoramos, não se realisou a regata que esta associação annuiciou para o dia 3 do corrente, em Cascaes.

Não sabemos se ficou adiada, ou se não se realisará, o que deveras sentimos, por isso que ás associações, sobre tudo, deviam pertencer estas festas, muito embora fossem n'ellas cuadjuvadas

por comissões parciais; mas como tudo n'este paiz, as associações de sport, atravessam uma crise que infelizmente se revela por diferentes formas, vindo-se um sem numero de festas promovidas por grupos, comissões particulares, e as associações desaparecem.

### Regata em Cascaes

No dia 6 do corrente realisou-se uma regata em Cascaes, promovida por um grupo de banhistas.

Nesta regata, tambem tomaram parte algumas senhoras da nossa primeira sociedade que por esta forma honram e dão brilho ao sport nautico.

Viam-se na formosa bahia de Cascaes alguns barcos pertencentes aos nossos mais distinctos sportsmen, entres elles a *Lya*, *Sirus*, *Athila*, *Alnor*, *Tajede*, *Dragão*, e as canoas das rainhas sr.<sup>as</sup> D. Amelia e D. Maria Pia.

A's duas horas e meia da tarde, começou a primeira corrida, regatande duas guigas, tripuladas por damas; uma, a *Orion*, tendo por timoneiro o sr. Francisco Ribeira Brava e remadoras as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Emma Sommer, D. Hortence Paiva Rapozo, D. Amalia Lisboa e D. Francisca de Noronha (Paraty); e *Relampago* tendo por timoneiro o sr. João Paiva Rapozo e remadoras as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Luiza Ornellas, D. Eugenia Atalaya, D. Leonor Atalaya, e D. Maria Salema.

As duas guigas, percorrer approximadamente mil metros, com grande rapidez e resistencia, sendo por muito tempo impossivel prever qual ganharia; as gentis remadoras portavam-se com tal denodo e valentia que mais pareciam experimentados marinheiros.

Finalmente a *Orion* coube o chegar primeiro á balisa; n'este momento vencedoras e vencidas foram alvo do maior entusiasmo, durante muito tempo suaram as palmas hurras e vivas.

Como é da praxe as gentis remadoras vestiam á maruja, camisolas azues e outras azues e encarnadas e nas formosas cabeças boinas brancas

Na 2.<sup>a</sup> corrida tomaram parte *Ophelia*, timoneiro o sr. Gabriel d'Almeida Santos, remadores sr. Antonio Martins, Affonso Villar, Sebastião Ribeira Brava, Manoel Pereira, Pereira Dias e D. José de Serpa. *Vega*, timoneiro Antonio Ribeira Brava, remadores srs. Leotte, Jorge Mendonça D. José Gil, Francisco Ribeira Brava e Manuel Sabngal.

Ganhou a *Ophelia* depois de uma profiada lucta. A' vella regataram as canoas dos srs. Infante D. Affonso, Manoel Figueira, Northon, Hugo O'Neil, Manuel Marques, Beltrão, Eduardo Romero e Antonio Caldeira.

O percurso a correr era de 20 milhas, de Cascaes a S. João do Estoril, e Cabeço de Pato voltando ao Estoril, d'aqui fazia novamente o percurso.

Ganhou o primeiro premio na 1.<sup>a</sup> corrida a canoa do sr. O'Neil; o segundo a do sr. Manoel Figueira F. da Câmara e o terceiro a do sr. Infante D. Affonso.

Na 2.<sup>a</sup> corrida ganhou o primeiro premio a canoa do sr. Romero e o segundo a do sr. Antonio Caldeira.

Assistiram no mar, á regata, El-Rei D. Carlos, a rainha D. Maria Pia e infante D. Affonso, que foi de timoneiro na sua canoa. A rainha D. Amelia assistiu do terraço da cidadella de Cascaes.

A distribuição dos premios fez-se á noite no *Sporting Club*, com a assistencia da familia real, em seguida houve baile que terminou de madrugada estando sempre muito animado.

### Regata em Lourenço Marques

Nas festas que n'esta cidade se fizeram em honra do valente major Mousinho da Silveira, entrou uma regata, que se realisou no dia 7 de setembro.

A comissão que a organisou era composta dos distinctos officias da nossa marinha de guerra srs. Marques da Costa, commandante da divisão naval; Alvaro Ferreira, commandante da corveta *Afonso de Albuquerque*; Mesquita Guimarães, commandante da corveta *Duque da Terceira*; Ivens Ferraz, capitão do porto e Augusto Caradozo.

A comissão destinou o transporte *India*, para os convidados; d'ahi assistiu á regata, o sr. Mousinho da Silveira e sua familia, todos os altos funcionarios, e toda a mais escolhida sociedade de Lourenço Marques, que alli se reuniu, a convite da comissão.

Na 1.<sup>a</sup> corrida, destinada a barcos de vela, de qualquer armação na distancia de 8 milhas, o premio era uma taça de prata, offerta da esposa de Mousinho a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria José Galvão Mousinho da Silveira.

Apesar do magnifico tempo, virou-se um escalor do cruzador inglez *Phabe*; toda a tripulação se salvou, apesar da mareta que havia na bahia, que muito dificultava as embarcações de remos.

A tripulação ingleza do escalor voltado foi salva já em circunstancias difficéis pela tripulação do escalor a vapor *Mathilde*, que pertence ás obras do porto, o patrão José Luiz Pereira e o machinista Eduardo Franco Martins, são merecedores de todos os elogios.

## TAUROMACHIA

### Revista quinzenal

COM a 23.<sup>o</sup> corrida na Praça do Campo Pequeno no dia 27 do corrente, realisaram os benquistos comariteiros, srs. Valente e Novaes, o seu beneficio, que afinal foi pouco lucrativo porque só obtiveram tres quartos de casa, cheios.



German Sanches (Serenito)

Distincto novilheiro hespanhol

A tourada, por motivo do gado do sr. Conselheiro Alvares Pereira não sahir bravo, não prestou e por certo redundaria n'um fiasco completo se não fosse o brilhante trabalho do espada Antonio Fuentes, que enthusiasmo o publico com uns lindos e artisticos passes de muleta no 6.<sup>o</sup> touro.

Bandarilhando o mesmo bicho executou cinco *quiebros*, deixando-lhe dois pares, e tres meios, superiores.

Dos quatro cavalleiros, que eram Manoel Casimiro, Joaquim Alves, Simões Serra, e o amador João Marcellino d'Azevedo, quem melhor andou foi Casimiro em primeiro logar, e depois Joaquim Alves.

A gente de pé, tanto hespanhola como portuguez, sacou quanto partido poude dos reles animalejos que sahiram.

Ao novel bandarilheiro Arthur Felix que recebeu a alternativa, concedida por João Calabaça, soltaram um mansarrão que levou do novo toureiro dois pares e meio de bandarilhas, postos regularmente.

No ultimo touro, que era de sentido, Arthur Felix esfriou um pouco colgando-lhe no entanto dois pares de ferros, e o seu collega Philippe Thomaz da Rocha dois e meio, á valentona.

Os forçados pouco esforço tiveram que fazer com os bichos, que além de mansos eram fraquissimos realisando ainda assim o Fressura, em recurso, uma boa pega de costas.

Esquecia-nos dizer que a má disposição em que estava o alternante Arthur Felix, o impediu de produzir melhor trabalho, pois que além de ter a impressão natural do dia, estava dolorosamente commovido com a morte d'uma pessoa de familia cujo enterro foi justamente na propria tarde de 7.

E. D'A.

### Hespanha taurina

COM a publicação da 23.<sup>a</sup> caderneta do *Gran Diccionario Taurino*, escripto pelo eminente critico taurino de Madrid D.

José Sanchez de Neira, findou esta notavel obra que é um livro imprescindivel a todos os *aficionados*.

Adjuncta a este ultimo fasciculo vem um esplendido retrato e o fac simile da assignatura do auctor, o que constitue um valioso brinde do editor do referido *Diccionario*, o conhecido e afamado typographo D. Regino Velasco.

—Em 27 de setembro passado embarcou em Cadiz no vapor *Gracia*, com destino a Havana, o espada Manoel Nieto *Gorete*, a cuja alternativa muitos dos nossos compatriotas assistiram em 15 de Agosto na praça de Badajoz.

Este *diestro* toureará em 17 e 24 do corrente n'aquelle ponto, juntamente com Francisco Gonzalez, (*Faico*), rezes de Minra, Moruve, Camara e Arribas.

—A corrida em projecto na praça de Madrid, a beneficio do invalido toureiro Juan Roiz, (*Lagartija*), parece que sempre será levada a effeito em 14 de Novembro proximo, com o concurso de alguns dos mais notaveis espadas.

—Na ultima bezerrada celebrada em Cordova, em que tourearão os minusculos *diestros* percententes á quadilha de *niños toreros*, o afamado ex-matador de touros Rafael Molina, *Lagar-tijo*, não cessou durante toda a tarde de dar aos incipientes toureiros os seus salutares conselhos, especialmente aos seus matadores *Frasqui* e *Torerito Chico*.

*Lagartijo* rematou o ultimo bezeroo atirando-lhe de longe com a puntilha.

—*Cara-Ancha* ainda não perdeu a esperanza de se despedir do publico madrilenho, o que tenciona fazer em uma corrida que vae promover na praça de Madrid.

### Brazil taurino

Pelos ultimos jornaes brasileiros sabemos ter-se realisado no dia 12 de setembro findo na praça de touros do Rio de Janeiro o beneficio do filho do bandarilheiro portuguez João da Cruz Calabaça, o novel toureiro Silvestre Calabaça.

A festa d'este artista foi muito concorrida, mas a tourada foi má pelas pessimas condições do gado que já está muito toureado.

*La Union Española*, aprecia o espectaculo pela fórma que traduzimos a seguir:

«A tarde, os toureiros, os touros, o publico e a intelligencia, tudo, absolutamente tudo, estava frio e resultou uma corrida de inverno capaz de gelar o enthusiasmo do melhor crente.»

«Afortunadamente os cavalleiros Bento e Tinoco nos touros que lhe competiram em sorte ficaram á altura da sua reputação; *Chispa* que estava receioso, mas não tanto como os seus companheiros, toureou de capa muito bem fazendo uma faina limpa que corrou com duas esplendidas *navarras* e *Cabeça* fez uma das melhores pegas que se teem visto n'esta praça.»

«O beneficiado que procurou fazer o que poude, recebeu bons *regalos* e um abraço dos collegas.»

«Relativamente ao mais... é melhor que nos callemos e terminemos felicitando *Morenito* pelo seu restabelecimento.»

Como se vê continua sendo a trindade Bento, Tinoco e *Chispa*, quem salva as corridas na Praça do Rio.

—Ha poucos dias seguiram no vapor *Porto Alegre*, consignados a José Bento d'Ararajo, 8 touros procedentes de diferentes *ganaderias* do continente.

—Tinoco e José Bento alugaram a nova praça de touros que acaba de se construir no Rio, para ali darem 4 corridas. Que tirem bons lucros do seu empreendimento é o que do coração lhes desejamos.

## FOOTBALL

### Jogo de Back e Half-back

JOGO INDIVIDUAL. — Em quanto ao jogo individual, os half-backs façam o ataque para tirar a bola com certeza e vigor e mandem a bola bem dirigida ao competente forward, mandando sempre que seja possivel a bolla rasteira pelo chão fóra, e tratando de estudar a maneira de o fazer correctamente.

Devem tornar-se habéis em jogar com a cabeça, e a conter os *forwards* adversários longe dos *full-backs*, mas não gastem suas forças desnecessariamente n'isto, e jamais esqueçam que o jogar bem vigorosamente e com lucidez, é muito mais proveitoso do que passes brilhantes e vistosos que quasi sempre falham no momento critico. O *hal-back* do cetro tem de fazer tudo isto, mas com maiores responsabilidades, porque elle é, por assim dizer, o eixo em volta do qual trabalha todo o machinismo da defeza. Deve ter o maximo cuidado em não sair do seu logar (a não ser em circumstancias excepçionaes).

Devem os *full-backs* ficar perto dos *half-backs*, serem capazes de dar pontapés com limpeza e com certeza, e tambem com força quando seja preciso, jogar bem para os *forwards*, saber pela certa tirar as bolas aos contrarios e jogar com a cabeça. Quando na frente do seu *goal* devem livrar-se, o mais depressa possivel, da bola sem desvantagem para o seu lado.

Devem evitar o *dribbling* e habituem-se ás voltas ligeiras e curtas que são tão uteis para desfeitear um adversario que corra sobre elles em campo livre. Devem estudar a maneira de proteger e não embaraçar, não só o *goal-keeper*, mas qualquer outro e nunca fugir a um encontrão necessario.

(Continúa).

VALENTIM MACHADO.

### Real Gymnasio Club

No domingo 17 do corrente ao meio dia, no Campo das Salecias, em Belem, recommecam os trenos de *foot-ball* do grupo d'este prospero e distincto Club, que foram suspensos no verão; os trenos são feitos sob a direcção do perficente *sportsman* e *captain* do grupo o Sr. Valentim Machado, nosso distincto collaborador.

Em novembro proximo recommecam os cursos de equitação e esgrima de sabre, florete e pau.

A maneira porque estes exercicios são lecionados n'este club e a qualidade dos professores e dos allumnos que alli existem é quanto basta para dar ideia do gosto e attenção que elles despertam, n'este ramo do nosso *sporte* nacional, onde o *Real Gymnasio Club Portuguez*, occupa um dos mais distinctos logares.

## DIVERSAS

### Historia de um cão

Os jornaes hespanhoes noticiam um facto curioso e particularmente commovedor. Todos se recordam ainda da terrivel catastrophe do cruzador *Rainha Regente*, perdido no estreito de Gibraltar com toda a sua guarnição na noite de 10 de março de 1895.

A bordo d'este navio estava contractado um marinheiro natural de San Lucar, que costumava andar acompanhado nas suas viagens por um cão da Terra Nova ao qual ligava grande affeição. Como de costume, o cão compareceu ao embarque do seu dono. Que se passou n'essa occasião? Ficou em Cadiz? Seguiu o marinheiro para bordo do *Rainha Regente*? Ninguém o sabe, sendo porém certo que a ausencia do cão coincidiu com a do dono. Qual não foi, por isso, o espanto da familia de Fernandez — assim se chamava o marinheiro — vendo apparecer ha dias o cão que desaparecera em tão tristes circumstancias.

O Terra Nova reconheceu immediatamente o pae do marinheiro, que perdeu os sentidos, ao ver o cão entregar-se ás mais festas demons-

trações de alegria. Por onde andaria o animal durante os vinte e seis mezes decorridos, pois apenas se sabe que veiu de Gibraltar?

## As nossas gravuras

### Real Velo Club do Porto

A photographura que hoje publicamos e que representa a bella e commoda installação d'este prospero club nos jardins do palacio de Crystal, tem ainda referencia ao artigo que no numero passado publicámos devido á brilhante pena do sr. Antonio de Lemos, nosso distincto collaborador.

### Dr. Jayme Ribeiro

Em artigo especial nos referimos a este nosso distincto collaborador a quem a nossa revista já tantos serviços deve, pelos quaes aqui lhe consignamos os nossos eternos agradecimentos.

### Antonio de Lemos

Em outro logar nos referimos a este nosso novo collaborador, espirito brilhante a quem agradecemos a sua collaboração e esperamos dever-lhe a continuação d'ella, o que será mais um titulo de agradecimento para nós.

### German Sanches (Serenito)

Este modesto novilheiro, nascido em Fines (Almeria) a 2 de fevereiro de 1874, res. de actualmente em Madrid em cuja provincia toureia muitas corridas, matando grande numero de touros nas praças de fóra.

Ainda ha pouco veio tourear a Alde-Galleja em uma corrida promovida pelo bandariheiro Raphael Peixinho, agradando o seu trabalho aos intelligentes, especialmente no simular a morte. Um escriptor hespanhol, referindo-e a este novilheiro, diz que elle como *estoqueador* de re-

zes bravas ha de colocar-se em invejavel altura, porque sabe pisar o terreno da verdade, tem serenidade e aprumo ante os touros, maneja a muleta com luzimento e na hora de arrancar a matar fal-o com guapesa, de perto, e por direito, condições estas que se souber conservar hão de proporcionar-lhe o alcance das suas aspirações.

A tão apreciaveis condições reúne *Serenito* uma modestia e seriedade que o tornam diferente de todos os outros toureiros.

## EXPEDIENTE

*Vamos começar a fazer a cobrança das nossas assignaturas, relativas ao trimestre que começou no 1.º d'este mez, tanto as de Lisboa como as da provincia.*

*Pedimos e esperamos que todos os nossos assignantes, dando-nos mais uma vez prova da muita defferencia que teem tido pela nossa modesta revista, evitando-nos difficuldades e despesas; a cobrança da provincia, sobretudo, hoje é onerosa, muito mais quando os documentos de cobrança teem que voltar mais d'uma vez pelo correio.*

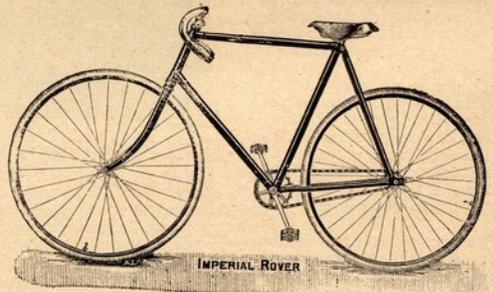
*Confiados que o nosso pedido será attendido, muito penhorados agradecemos a todos os nossos estimaveis assignantes.*

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto  
A LIBERAL — Officina typographica

## OU BOM OU NADA

menos de força a empregar

50 por cento



50 por cento

menos de força a empregar

## IMPERIAL ROVER

ADMIRAVEL!!!

ADMIRAVEL!!!

Descobriu-se a grande superioridade das BICYCLETES ROVERS sobre todas as outras BICYCLETES inventadas até ao presente!!!

Confirmou-se a reputação de que já disfructavam geralmente as BICYCLETES ROVERS: Alem de toda a Inglaterra, França, Italia, Alemanha, Suissa, e já muitas cidades do Brazil as terem adoptado, inclusivê a America, — reconheceu-se ganharem os velocipedistas d'estas machinas no seu uso... UMA ECONOMIA DE 50 POR CENTO A MENOS NA FORÇA DA TRACÇÃO A EMPREGAR!!! — o que não só a faz levar a supremacia a todas as BICYCLETES, como pouparem ao corredor METADE do dispendio da força physica que empregavam nas outras machinas!!!

Os ROLAMENTOS, a velocidade que elles lhe promovem, a perfectibilidade e boa combinação das suas linhas geometricas, e a solidez do seu material, são pois os elementos que influem para que seja a rotação solida, rapida e espontanea, e de o RESULTADO DA ECONOMIA DE FORÇA A EMPREGAR, que acima fica citada. — E. entre nós, já se conta um grande numero de descontentes de outras machinas, que reconhecem e estão convictos de que nenhuma como as ROVERS lhes offerecem melhores e maiores vantagens.

pois, por ellas haverem conquistado esta fama, que no estrangeiro as pessoas debeis, E ESPECIALMENTE AS SENHORAS, só querem... só usam... e só adoptam a BICYCLETTE ROVER, pois a manejam e dirigem com a maxima facilidade e precisão.

### GERMANIA

### GERMANIA

São egualmente umas excellentes BICYCLETES, fabricadas segundo o modelo das ROVERS com aperfeiçoamentos notaveis, levando vantagens sobre as dos outros fabricantes. Estas BICYCLETES são de inteira confiança e de preços modicos.

Accessorios e peças detalhadas ninguem os tem melhores e mais baratos.

VELOCIPEDES e TRICYCLES para crianças de ambos os sexos, de 3 a 12 annos por... PREÇOS BARATISSIMOS.

Concertos baratos e garantidos em todos os systemas de bicyclettes e velopedes.

Pedidos á casa

SANTOS DINIZ  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 50 e 52 — LISBOA